

*Sem deixar a brincadeira,
as crianças pensam no futuro
como o limite entre a
subsistência e a realização*

Se a volta às aulas trouxe mais uma vez à tona as mais do que conhecidas constantes da educação brasileira — defasagem de oportunidades para as crianças de diferentes segmentos sociais, os altos custos das mensalidades escolares e a má remuneração dos professores — traz agora a opinião das próprias crianças sobre o que consideram a *escola ideal*. A reportagem do **CORREIO BRAZILIENSE** conversou com alunos de primeiro grau de escolas particulares que possuem uma metodologia aberta e com alunos carentes do Proem (Promoção Educativa do Menor).

Ainda que estes pólos sejam opostos em termos de origens e oportunidades, de acordo com as circunstâncias, ambos são privilegiados. Entretanto, as crianças do *Brasil de Primeiro Mundo* desde já têm condições de cultivar suas próprias naturezas, colocando-se enquanto sujeitos que interferem no mundo que as cerca. Por outro lado, as crianças do *Brasil de Terceiro Mundo* têm no máximo a esperança de, através da escola, conseguir um emprego que garanta as suas subsistências. Em comum, todas pensam no futuro.

Os pequenos alunos das escolas particulares, reunidos na Universidade de Brasília, não apenas falaram sobre seus sonhos, como abordaram livremente os temas que lhes vieram de forma espontânea na mente: metodologias, posturas deles próprios e dos professores, higiene, religiosidade, a situação dos menores carentes e a má remuneração dos professores. A reportagem, que apenas coordenou o debate, ouviu de Ludmila Araújo, oito anos, 3ª série, o seguinte desabafo: “Eu queria que os professores deixassem a gente fazer o que bem quisesse no caderno”.

Liberdade — Ela diz isto porque uma vez teve que fazer uma redação sobre um peixe. Resolveu, então, ilustrá-la com um desenho, que foi apagado por sua professora. “Eu gostaria também de poder escrever os enunciados dos exercícios para casa com as minhas próprias palavras. Isto me facilitaria muito na hora de fazer os deveres”, diz a menina, exclamando em seguida, “como gostaria que minha professora estivesse aqui”.

Flávia Oliveira, dez anos, 5ª série, expõe o que acha necessário para que se goste de qualquer matéria: “O jeito como ela é dada”. O fato de o professor “querer dar a matéria” também é considerado muito importante, pois “se o aluno não gostar dele, a matéria vai ficar chata e ele constrangido”.

Para Flávia a escola ideal é aquela que faz o aluno aprender e isto significa, por exemplo, saber o que é multiplicar. “Se a criança decora sem entender, não adianta nada”. Denise Riella, dez anos, 5ª série, completa, dizendo que é preciso saber o que é a Geografia: “Gosto da Geografia porque ela fala de todas as coisas. Gosto também do professor”.

Rafael Fonseca, dez anos, 5ª série, gosta muito de História “porque é interessante saber os acontecimentos do passado e de hoje”. Ele diz que no futuro agradecerá por ter estudado História. Acha “legal” conhecer nomes e épocas, o que hoje já faz com que possa participar das conversas com os pais e os parentes.

Ludmila gosta “muito mais de escrever do que de decorar”. Ela explica que, quando vai fazer um texto prefere criar. “Adoro escrever sobre coisas meio loucas”, diz ao mencionar uma redação que fez envolvendo garotos, a lua, o ovo e marcianos.

Igualdade — Brincar com a Matemática é algo “legal” para Gustavo Rizzuti, oito anos, 3ª série: “Podemos fazer jogos com ela”. Thiago Cianpi, dez anos, 5ª série, considera os números “fáceis de mexer” e diz que a Matemática não é rígida. Ao contrário, é muito fácil”. Interrompendo a conversa sobre as preferências pelas matérias, surge De-

FOTOS: IZABEL CRISTINA



Esportes e atividades extracurriculares são alguns dos sonhos das crianças, que querem um ensino mais integrado com sua própria realidade

A escola ideal

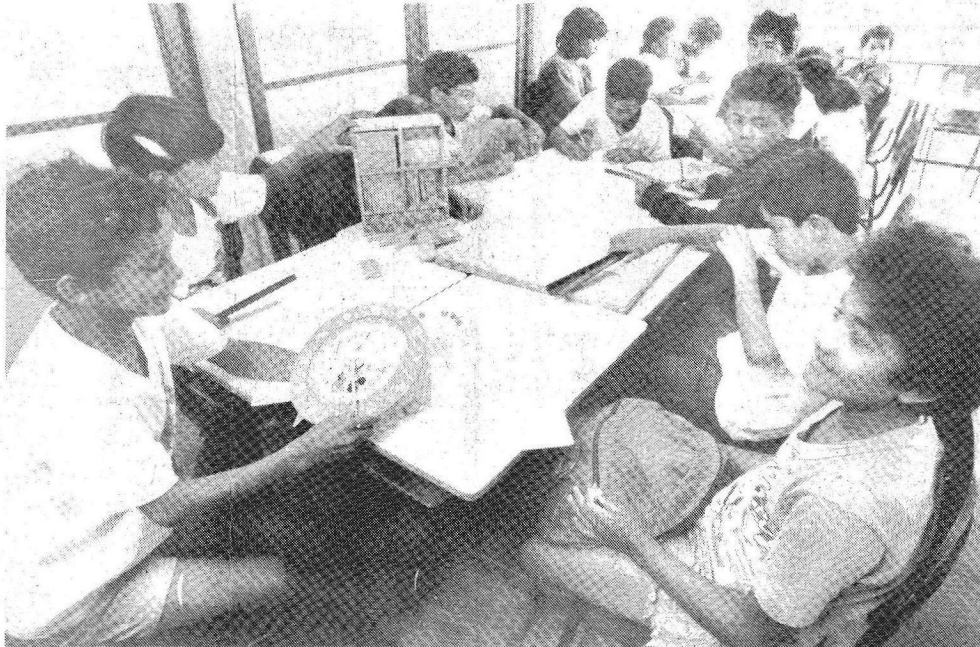
nise falando a respeito da igualdade entre os sexos: “Têm colégios que deixam as meninas separadas dos meninos. Isto não acontece no meu. Mas existem alguns que pensam que as meninas têm uma doença e os meninos têm outra. Acho que todos devem brincar juntos”.

Artes e esportes — Rafael acha que os esportes e demais atividades extracurriculares deveriam estar ao alcance de todos nas escolas. “Não deveriam atender apenas aos que pagam à parte”. Gustavo gosta de artes e explica por quê: “A gente pode fazer robôs com sucata, pintar e fazer desenho livre”. Bruno Rizzuti, sete anos, Rafael e Gustavo adoram mexer com argila. Ludmila também: “Adoro me sujar de argila, terra ou areia. Também adoro ficar limpinha”, diz a menina, que ainda gosta da argila porque com ela “dá para formar muitas coisas. Dá até para usar”.

O que mais agrada Denise em termos de artes é o teatro, a expressão corporal. Gabriele Canettiri, 11 anos, 5ª série, diz que, “nas artes cênicas a gente se libera muito. Perde a vergonha e pode fazer tudo o que vem na cabeça”. Flávia já prefere a pintura: “Com as telas e o pincel crio o mundo do jeito que acho que ele está”. Ludmila diz que o origami é uma das coisas que mais gosta de fazer em artes: “Pego um papel e fico mexendo até ver no que dá. Adoro usar a criatividade e me sinto muito inteligente quando faço isso”.

Direitos — Fábio Carvalho, 12 anos, 7ª série, acha que todas as escolas deveriam ser públicas e com ensino mais puxado. Em seguida, apresenta estatísticas: “Em cem crianças, uma vai para a faculdade. E quem vai, estudou em colégio particular”. Ele defende “os mesmos direitos para todas as crianças e jovens”. Rafael ilustra a desigualdade mencionando um colega que deixou a escola particular por dois anos, passou para a pública, e, quando retornou à escola antiga enfrentou dificuldades para acompanhar a turma.

■ Mônica Silva da Silveira



Sucata como material didático é uma das idéias destes alunos do Terceiro Mundo

Produção fotográfica - Luís Mendonça, Grace Maria de Freitas, Antônio Villar, Lairo Morhy, Manoel Pena e João dos Reis.